

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS SOB A ÓTICA FEMININA NOS *CADERNOS NEGROS*¹

*Francineide Santos Palmeira*²

Resumo: A pesquisa *Vozes Femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência* buscou verificar como são construídas as representações de mulheres negras na produção feminina publicada. A investigação se deu por meio da apreciação de contos e poemas das escritoras publicadas nessa antologia no período compreendido entre 1978 e 2006. De modo geral, o desenvolvimento desta pesquisa demonstrou que as escritoras afro-brasileiras apresentam um contradiscurso em suas produções literárias, questionando e rasurando uma tradição literária que representa a mulher negra a partir de imagens negativas.

Palavras-Chave: Literatura, *Cadernos Negros*, escritoras, representação, mulheres negras.

REPRESENTATIONS OF BLACK WOMEN UNDER THE FEMININE PERSPECTIVE IN *CADERNOS NEGROS*

Abstract: The research *Feminine Voices in the Cadernos Negros: representations of insurgence* sought to investigate how representations of black women are constructed in the feminine production published in that Afro-Brazilian anthology between 1978 and 2006. Based on an evaluation of tales and poems, this investigation has demonstrated that afro-Brazilian women writers express a counter-discourse in their literary production, questioning and disrupting a literary tradition which represents black women through negatives images.

Key Words: Literature, *Cadernos Negros*, women writers, representation, black women.

REPRESENTACIONES DE MUJERES NEGRAS BAJO LA ÓPTICA FEMENINA EM LOS *CADERNOS NEGROS*

Resumen: La investigación *Vozes Femininas en los Cadernos Negros: representaciones de la insurrección* buscó averiguar cómo se construyen las representaciones de mujeres negras en la producción femenina publicada. La investigación se dio a través de evaluación de cuentos y poemas de escritoras publicados en esa antología en el período entre 1978 y 2006. De modo general, el desarrollo de esta investigación demostró que las escritoras afrobrasileñas presentan un contra

¹ As reflexões apresentadas neste artigo foram desenvolvida durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada *Vozes femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência* (Palmeira, 2010).

² Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (2010) e graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2007). Atualmente, é doutoranda pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. E-mail: francineidpalmeira@yahoo.com.br.

discurso en sus producciones literarias, cuestionando y rasurando una tradición literaria que presenta la mujer negra a partir de imágenes negativas.

Palabras-Clave: Literatura, *Cadernos Negros*, escritoras, representación, mujeres negras.

**REPRÉSENTATIONS DES FEMMES NÈGRES SOUS L' OPTIQUE FÉMININE AUX
CADERNOS NEGROS**

Resumo: La recherche *Voix Féminines aux Cadernos Negros: représentations de insurgence* a essayé vérifier comme sont construites les représentations des femmes nègres dans la production féminine publié. L'investigation s'est donnée par milieu de la appréciation de contes e poèmes des écrivaines publiés dans cette anthologie à la période comprise entre 1978 et 2006. D'une manière générale, le développement de cette recherche a montré que les écrivaines afro-brésilliennes présentent un contradiscurs en leurs productions littéraires, questionnant et rasurant une tradition littéraire que représente la femme nègre à partir des images négatives.

Mots clefs: Littérature, *Cadernos Negros*, écrivaines, représentation, femmes nègres.

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS SOB A ÓTICA FEMININA NOS *CADERNOS NEGROS*

Os *Cadernos Negros*, um dos importantes espaços para a publicação da literatura negra³, consiste em uma antologia anual que reúne produções artísticas dos afro-brasileiros. De autoria variada, com escritores oriundos dos diversos estados brasileiros, essa antologia poética, que surgiu em São Paulo em 1978, possui, até o momento, 31 volumes, sendo os números ímpares dedicados aos poemas e os números pares, aos contos.

No que concerne à participação das escritoras negras nesse periódico, embora se façam presentes desde o primeiro número, esse não tem sido um processo fácil, visto que as escritoras afro-brasileiras enfrentam um “duplo desafio representado por uma sociedade simultaneamente racista e sexista” (Campos, 1992, p. 117). A luta das escritoras para consolidar uma tradição literária feminina na literatura negra é abordada pelos atuais organizadores dos *Cadernos Negros*, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, no texto de apresentação do volume 29:

Quem sabe este volume seja também a consolidação de uma escrita feminina atuante nos *Cadernos*... Às vezes a presença de poemas ou contos de apenas duas mulheres, em uma experiência coletiva, é como uma gota no oceano. Neste volume a musicalidade da poesia tocou os corações de algumas escritoras. O olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de *nove* delas, [...]. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste *Cadernos* versos de vinte homens, valeu. Quem ganhará com a diversidade da escrita feminina seremos todos nós (Ribeiro e Barbosa, 2006, p. 16).

Essas palavras evidenciam a luta permanente das mulheres negras para consolidar o espaço feminino nessa série. Em alguns volumes, a produção feminina teve duas representantes, enquanto os homens eram seis (CN 1)⁴; em outros eram três, e os homens dois (CN 17); em 2006, foram nove mulheres para vinte homens (CN 29).

³De acordo com o conceito de literatura negra aqui adotada, o de Florentina Souza, a etnia não é uma prerrogativa da literatura afro-brasileira ou literatura negra, mas sim o discurso: “poemas e contos instauram/adotam um discurso que constrói e assume uma identidade afro-brasileira e engaja-se num projeto político de repúdio ao racismo e suas manifestações e de combate às desigualdades sociais” (Souza, 2005, p. 110).

⁴ Quando necessário, utilizaremos a sigla CN para fazer referência à série *Cadernos Negros*.

Ângela Galvão e Célia Pereira foram as primeiras escritoras a publicar seus poemas nos *Cadernos Negros*, em 1978. A partir daí, diversas outras seguiram os mesmos passos. Entre os anos de 1978 a 2006, trinta e nove escritoras publicaram suas produções nessa série. Entre os nomes daquelas que já publicaram e/ou publicam nos *Cadernos Negros*, cito: Alzira Rufino, Ana Célia da Silva, Andréa Lisboa de Souza, Ângela Lopes Galvão, Anita Realce, Atiely Santos, Benedita Delazare (Benedita de Lazari), Celinha (Célia Pereira), Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, D’Ilemar Monteiro (Vera Lúcia Alves), Elizandra Batista de Souza, Eliane da Silva Francisco, Eliete Rodrigues da Silva Gomes, Esmeralda Ribeiro, Geni Mariano Guimarães, Graça Graúna, Iracema M. Regis, Lia Vieira, Lourdes Dita (Lourdes Benedita da Silva), Maga, Magdalena de Souza, Maria da Paixão, Marizilda R. Xavier (Kaiàmiteobá), Marta Monteiro André, Mel Adún, Miriam Alves (Miriam Aparecida Alves), Neuza Maria Pereira, Regina Helena da Silva Amaral, Roseli da Cruz Nascimento, Ruth Souza Saleme, Serafina Machado, Sônia Fátima da Conceição, Suely Nazareth Henry Ribeiro, Therezinha Tadeu, Tietra (Marise Helena do Nascimento Araújo), Vera Lúcia Benedito, Vera Barbosa, Zula Gibi (Zuleika Itagibi Medeiros).

Por meio de suas perspectivas – marcadas, como não poderia deixar de ser, pela vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira –, essas escritoras afro-brasileiras que publicam nos *Cadernos Negros* contribuem para a constituição de uma história brasileira sob a perspectiva feminina negra, que revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pelas escritas falocêntrica e branca.

As escritoras negras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da escrita, pois, conforme Michel Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (1971, p. 2).

ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS E AS REPRESENTAÇÕES INSURGENTES⁵

No que concerne à representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, desde o período colonial até a contemporaneidade, nota-se que esta tem sido apresentada a partir de discursos demarcados negativamente. Quando não invisibilizadas, as mulheres negras, nos textos desses autores, figuram em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto e/ou relacionadas a um passado de escravidão. E se o motivo basilar da exclusão das mulheres brancas de funções e representação significativas no discurso dessas literaturas foi a ideologia patriarcal, a exclusão das mulheres negras pode ser atribuída a, pelo menos, outra questão além de sua identidade de gênero: a sua identidade étnico-racial.

Em *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, Teófilo de Queiroz Júnior (1975) analisa os modos como a “mulata” foi representada desde Gregório de Mattos até Jorge Amado. Nesse estudo, são evidenciadas as questões que contribuíram para a construção de uma imagem estereotipada da “mulata brasileira”, quando esta traz na pele a marca da afrodescendência. Ao sintetizar os modos como são construídas as representações sobre a mulata ao longo da literatura brasileira, o autor realiza uma diferenciação entre o que denomina de “positivo” e “negativo”. Conforme Queiroz Junior:

de positivo, são reconhecidas suas habilidades culinárias, via de regra, sua higiene, sua resistência física ao trabalho, sua saúde, sua solidariedade, sua beleza perturbadora, sua sensualidade irresistível, seus artifícios de sedução, a que sabe recorrer, quando canta, dança e se enfeita. Já a soma de seus defeitos é constituída pela falta de moralidade, por sua irresponsabilidade, por ser muito pródiga sempre (*Idem, ibidem*, p. 76-77).

É importante observar que as características elencadas por Queiroz Júnior como positivas, em sua maioria, se relacionam ao corpo da mulher negra. Se “habilidades culinárias” e “resistência física ao trabalho” focalizam o corpo feminino negro como um corpo para o trabalho; “sensualidade irresistível” e “beleza perturbadora” relacionam-se ao

⁵ Mas, o que vem a ser exatamente uma “representação insurgente”? Retomando Foucault (1979), penso as representações de insurgência como aquela que questiona e rasura as representações sociais que funcionam como “regimes de verdade” em uma sociedade. No caso em questão, analiso as representações de mulheres negras, então, as representações insurgentes as quais me refiro aqui são aquelas que questionam, rasuram e deslocam as representações hegemônicas sobre mulheres negras que circulam na sociedade brasileira.

corpo sob uma perspectiva sexual. Desse modo, com base nos estudos de Queiroz Junior, pode-se dizer que as representações sobre a mulher negra na literatura brasileira apresentam as mulheres negras como um corpo. E, ao dizer isso, não se deve esquecer a significação que o corpo tem para sociedade ocidental, isto é, remete à oposição entre corpo e mente.

De modo geral, para sociedade ocidental cristã, prevalece a divisão entre corpo e mente, na qual eles são concebidos como entidades distintas e hierarquizadas, em que a mente é superior ao corpo. Segundo os autores Júlia Pinto e Adilson Jesus (2000), no ensaio “A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental”, tal visão binária é uma herança que estamos carregando desde Platão: “Para os gregos, o *conhecer* – a contemplação, o teórico, o intelecto – tinha a primazia sobre o *operar* – a ação, o prático, a vontade –, não sendo este segundo elemento, todavia, anulado pelo primeiro, mas subordinado a ele” (*Idem, ibidem*, p. 89).

Todavia, embora os gregos já teorizassem sobre esse binarismo, é somente com Descartes que há uma separação radical entre corpo/mente ou entre “razão/sujeito” e “corpo”, para usar os termos de Descartes. Conforme Aníbal Quijano:

Com Descartes o que sucede é a mutação da antiga abordagem dualista sobre o “corpo” e o “não-corpo”. O que era uma co-presença permanente de ambos os elementos em cada etapa do ser humano, em Descartes se converte numa radical separação entre “razão/sujeito” e “corpo”. A razão não é somente uma secularização da ideia de “alma” no sentido teológico, mas uma mutação numa nova id-entidade, a “razão/sujeito”, a única entidade capaz de conhecimento “racional”, em relação à qual o “corpo” é e não pode ser outra coisa além de “objeto” de conhecimento. Desse ponto de vista, o ser humano é, por excelência, um ser dotado de “razão”, e esse dom se concebe como localizado exclusivamente na alma. Assim o “corpo”, por definição incapaz de raciocinar, não tem nada a ver com a razão/sujeito. Produzida essa separação radical entre “razão/sujeito” e “corpo”, as relações entre ambos devem ser vistas unicamente como relações entre a razão/sujeito humana e o corpo/natureza humana, ou entre “espírito” e “natureza”. Deste modo, na racionalidade eurocêntrica, o “corpo” foi fixado como “objeto” de conhecimento, fora do entorno do “sujeito/razão” (Quijano, 2005, p. 239).

Assim, com esse pensamento, Descartes exerceu uma enorme influência sobre todas as áreas do conhecimento humano, até mesmo no tocante às ideias racistas do século XIX. Alguns estudiosos, como o Conde de Gobineau, embasaram-se nesse pensamento de Descartes para defender que nem todos os povos eram constituídos de alma ou “razão/sujeito” e “corpo”. Para eles, havia seres que só eram dotados de “corpo” e,

portanto, deveriam ser considerados inferiores aos europeus que eram constituídos de ambas as partes. Se era a “razão/sujeito” o que tornava o homem um sujeito, que fazia o homem existir – “penso, logo existo”, disse René Descartes –, os povos tidos como destituídos de tais características deveriam ser considerados inferiores:

Dessa perspectiva eurocêntrica, certas raças são condenadas como “inferiores” por não serem sujeitos “racionais”. São objetos de estudo, “corpo” em consequência, mais próximos da “natureza”. *Em certo sentido, isto os converte em domináveis e exploráveis. De acordo com o mito do estado de natureza e da cadeia do processo civilizatório que culmina na civilização europeia, algumas raças – negros (ou africanos), índios, oliváceos, amarelos (ou asiáticos) e nessa sequência– estão mais próximas da “natureza” que os brancos.* Somente desta perspectiva peculiar foi possível que os povos não-europeus fossem considerados, virtualmente até a Segunda Guerra Mundial, antes de tudo como objeto de conhecimento e de dominação/exploração pelos europeus (*Idem, ibidem*, p. 240 – grifo nosso).

Assim, com base na crença de que nem todos os indivíduos seriam sujeitos “racionais” e que estes que não fossem deveriam ser “considerados inferiores”, buscou-se justificar as relações raciais de dominação e exploração. Esse pensamento contribuiu para explicar não apenas a dominação/exploração do grupo étnico-racial branco sobre os demais grupos, como também para justificar o domínio do homem branco sobre a mulher branca. As mulheres, como os grupos étnicos não-europeus, foram consideradas unicamente como dotadas de “corpo”. Foi nessa sociedade na qual o corpo é compreendido como algo inferior à mente e relacionado ao pecado, à tentação e à sexualidade, que homens e mulheres negras foram significados como “corpo”. A significação desse processo para os povos africanos é analisada por Leda Martins, em *Afrografia da Memória*:

Os africanos transplantados à força para as Américas, através da Diáspora negra, tiveram seu corpo e seu *corpus* desterritorializados. Arrancados de seu *domus* familiar, esse corpo, individual e coletivo, viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus códigos linguísticos, filosóficos religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornados, estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram às desumanas condições da travessia marítima transcontinental foram destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu. Esse olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente ágrafas, menosprezou sua rica textualidade oral [...] a África aparecia no imaginário europeu

como o território do primitivo e do selvagem que se contrapunha as ideias de razão e de civilização, definidoras da pretensa “supremacia” racial e intelectual [dos europeus] (Martins, 1997, p. 24-25).

A citação descreve o processo de escravização dos negros africanos na Diáspora negra, o processo a que foram submetidos seus corpos física e simbolicamente e sua consequente significação sob a perspectiva dos europeus. Para os europeus, os homens e mulheres negros eram apenas mão de obra, um “corpo” para ser usado. Um corpo objeto para produzir riquezas. Um corpo para ser explorado em sua força de trabalho (corpo-objeto) e sexualmente (objeto-sexual). A mulher negra escravizada, além de desempenhar os diversos trabalhos forçados e ser vítima da violência sexual impostos ao homem escravizado, tinha a particularidade de possibilitar a reprodução biológica. Por isso, era forçada a trabalhar como ama de leite e a gestar filhos para o mercado escravo.

Pensando especificamente no corpo físico, foram impostos aos corpos dos homens e mulheres negras novos modos de vestir, de cuidar dos cabelos: “os signos de pertencimento e identidade – as escarificações e as tatuagens trazidas pelos escravos – aos poucos vão sendo substituídos pelo sinal de posse impresso em fogo ou pelos adereços perversos colocados em seu corpo” (Fonseca, 2000, p. 97). E, para além da violência física imposta ao corpo físico, a coisificação dos negros, a redução dos homens e mulheres negras a “corpo”, considerado como destituído de “razão/sujeito”, implicou e tem implicado consequências desastrosas para a população afro-brasileira ainda hoje.

Uma dessas consequências é a invisibilidade do passado histórico da mulher negra brasileira. Convém ressaltar que a história e a memória possuem uma relação muito próxima, porque, como argumenta Jacques Le Goff, é na “memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta” (Le Goff, 1996, p. 477). A memória coletiva pode ser definida tanto como um instrumento quanto como um objetivo do poder, na medida em que controlar o passado consiste em uma das preocupações daqueles que detiveram ou detêm o poder nas sociedades históricas. Um exemplo desses mecanismos de manipulação da memória coletiva são os silêncios e esquecimentos da história. Em “Passado Histórico”, Sônia Fátima da Conceição tematiza a ausência do passado histórico da mulher negra,

Passado Histórico

Do açoite
da mulata erótica
da negra boa de eito
e de cama
(nenhum registro) (Fátima, 1998, p. 67)

Nesse poema, a voz enunciativa questiona o apagamento da história dos afrodescendentes, por meio da figura feminina negra. O sujeito poético contesta uma história oficial que difundiu uma imagem da mulher negra brasileira estereotipada (“da mulata erótica, da negra boa de eito” e “da negra boa de cama”) e não registrou a história de luta dessas mulheres no Brasil, nem os nomes de afro-brasileiras que contribuíram para a construção da história do país. Uma historiografia escrita sob a ótica do grupo étnico-racial responsável pela escravização dos negros, feita por homens brancos, e que reduziu toda uma trajetória de luta e conquistas das mulheres negras no período da escravidão e do pós-abolição ao olhar que o grupo hegemônico tinha dessa mulher: um corpo objeto, um objeto sexual.

Compreendendo o passado como importante para a construção da identidade dos afro-brasileiros, as escritoras e os escritores da literatura negra tematizam a memória dos afrodescendentes em suas produções, trazendo à tona uma memória coletiva invisibilizada, negada e apagada pela história oficial brasileira. Por meio da reinvenção poética, esses escritores e escritoras imortalizam a experiência vivenciada e transmitida de pai para filho e de mãe para filha, num processo constante de reconfiguração/preservação simultânea de tradições seculares transmitidas pela oralidade. Na esteira desse pensamento, o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, evidencia o modo como um sujeito lírico, que se identifica como um sujeito feminino negro, vê a história de mulheres negras ao longo de gerações diversas:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade (Evaristo, 1990, p. 32).

Nesse poema podemos identificar as identidades de gênero e étnica do sujeito poético porque “a recordação traz a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos a colorir eticamente e afetivamente a lembrança” (Gonçalves Filho, 1988, p. 99). Essa voz enunciativa feminina negra traz a memória de uma luta na qual participaram de modo diferenciado várias gerações distintas (a bisavó, a avó, a mãe, o sujeito poético feminino e a filha). As vozes dessas mulheres funcionam como contas de um colar a constituir a liberdade, um colar que está sendo analisado pelo sujeito poético que recorda a vida de seus antepassados e visualiza o futuro de sua filha, ou seja, a esperança que tem no futuro da filha. Esse momento pode ser percebido nitidamente na última estrofe.

O verso “a fala e o ato” traz uma ideia de teoria e prática, o reconhecimento da história e a ação efetiva para modificá-la.

Essa filha, que conhece o ontem, o hoje e o agora, poderá desfrutar uma conquista construída através dos tempos: a liberdade. Na linhagem estabelecida neste poema, as vozes posteriores desfrutam as conquistas obtidas pela luta de seus ancestrais. Assim, a liberdade vivenciada pela filha no futuro será a ressonância de lutas anteriores, marcadas pelo choro, a submissão, a revolta contida, as palavras poéticas e a atuação.

Ao escrever fatos e momentos importantes do passado afrodescendente, as escritoras (re)inventam e (re)atualizam a memória afro-brasileira. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 38), lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.

Ao ficcionalizar uma linhagem de mulheres negras nas quais é possível identificar a existência de cinco gerações distintas – a bisavó, a avó, a mãe, o sujeito poético feminino e a filha –, o poema traz à tona também a relação mãe e filha entre as mulheres negras. Na verdade, ao construir essa linhagem feminina negra, o poema rasura uma ideia difundida na literatura brasileira que nega à mulher negra o papel de mãe, reservando este às mulheres brancas. No ensaio “Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira”, Conceição Evaristo aponta que, entre as várias visões estereotipadas da mulher negra, está a negação da mulher negra como mãe. Conforme Evaristo: “Uma leitura mais profunda da literatura brasileira [...] nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral” (Evaristo, 2005, p. 53). Essa construção da mulher negra na literatura brasileira pode ser percebida nos textos canônicos da literatura, tais como *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, entre outros.

Nessas produções, quando as mulheres negras são representadas cuidando de outros com os quais se relacionam afetivamente como mãe, estão a exercer o papel de “mãe-preta”, “uma babá”, uma empregada doméstica que cuida dos filhos do senhor/patrão.

Opondo-se ao discurso literário e histórico, pesquisas recentes têm demonstrado que muitos indivíduos escravizados constituíam famílias estáveis e que não foram raros aqueles que passaram os primeiros anos de suas vidas em companhia dos pais. Segundo Edson Fernandes, autor de estudos relacionados à temática da família escrava no Brasil:

Dividida durante muito tempo entre o escravo coisificado, violentado, submisso e o escravo rebelde, pronto a fugir ou a investir contra seus algozes, a historiografia vem descobrindo que o cativo, uma vez privado de sua liberdade e nos momentos em que a rebeldia devia ser ponderada, construía estratégias que alargavam seu espaço de sobrevivência e permitiam viver seu cotidiano com um mínimo de condições. Casar, ter filhos, batizá-los, chorar sua morte quando esta se antecipava à sua própria eram ações comuns à vida de muitos escravos, o que não lhes tirava, muito provavelmente, a vontade de fugir, matar ou morrer, e nem tirava da escravidão sua violência intrínseca (Fernandes, 2003, p. 10).

Se “casar, ter filhos [...] eram ações comuns à vida de muitos escravos”, logo, ter filhos e exercer a maternidade com seus filhos biológicos também fazia parte do cotidiano de muitas mulheres negras durante a escravidão. Se é verdade que muitas mulheres negras eram, em virtude de sua condição de escravas, impedidas de ser mãe, no sentido de cuidar de filhos biológicos; os estudos recentes também têm revelado que muitas mulheres negras constituíam famílias e criavam seus filhos, algumas vezes, juntamente com seus companheiros.

Ainda sobre os laços de parentesco mantidos durante a escravidão, Caetano De’Carli (2007), na dissertação *A família escrava no sertão pernambucano (1850-1888)*, argumenta que a rede de sociabilidade mais básica vivenciada pelos escravos nessa região se constituía de laços familiares, pelo menos em sua estrutura mais elementar – mãe e filhos ou filhas. Assim, os escravos sertanejos tinham a família como rede fundamental de proteção social e solidariedade. Faz-se relevante destacar ainda que muitos desses estudos têm tido como base os registros de casamentos e batizados presentes nas igrejas católicas, ou seja, muitas famílias escravas que não oficializaram suas uniões e não batizaram seus filhos podem ter existido.

Outro estereótipo negativo sobre a mulher negra brasileira que também tem suas origens no contexto da escravidão passa pela representação da mulher negra como alguém desprovida de capacidade intelectual ou com capacidade intelectual inferior. Uma das

produções de escritoras afro-brasileiras contemporâneas que rasuram e questionam esta representação negativa sobre a mulher negra é o poema “Ressurgir das cinzas”, de Esmeralda Ribeiro, no qual são citadas algumas das mulheres negras importantes tanto para a memória coletiva afro-brasileira quanto para a história do Brasil:

Ressurgir das cinzas

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”

[...]

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzalez,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
Nunca me verás caída ao chão.
[...] (Ribeiro, 2004, p. 63).

O poema de Ribeiro é constituído na íntegra por seis estrofes – mas a transcrição feita anteriormente compreende apenas a primeira e a terceira estrofes –, sendo todas elas finalizadas pelo refrão: “Nunca me verás caída ao chão”. A voz enunciativa desse poema, como está explícito no adjetivo “guerreira”, é um sujeito feminino negro. Na primeira estrofe, o sujeito ficcional descreve-se como guerreira e como herança de seus ancestrais, para, em seguida, comparar sua vida a uma poesia. Depois, o sujeito que se identifica como feminino elege precursoras e inventa uma linhagem na qual se insere. Ao fazer isso, a voz enunciativa contribui para a construção da identidade afrodescendente brasileira, pois, segundo Michael Pollack, a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou social) (Pollack,

1992, p. 202). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

As figuras lembradas são mulheres fortes que participaram ativamente na construção da história da afrodescendência brasileira. Ao citar Luiza Mahin, Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Lélia Gonzalez, a voz enunciativa corrobora as seguintes palavras de José Moura Gonçalves Filho:

À margem das histórias autorizadas e apologéticas, a memória dos dominados resiste, entretanto, na tradição oral de grupos algo coesos, algo comunitários, onde pode ocorrer que os impasses do presente, tendo frisadas sua solidez e sua gravidade, sejam percorridos por uma espécie de teimosia. Entre coragem e paciência, uma teimosia que é engordada na lembrança de episódios fragmentários, envolvendo pessoas queridas e veneradas, que conheceram elas mesmas o peso daqueles impasses, pessoas que sofreram e morreram, mas obstinadamente se sustentaram no amor por direitos comuns inalienáveis, de cuja busca já não podiam prescindir a não ser mediante o sacrifício de sua própria dignidade, isto é, mediante o esfacelamento do que internamente os movia na convivência com as coisas, com as estruturas humanas, com os outros e consigo mesmos (Gonçalves Filho, 1988, p. 99).

Entre as citadas, Luiza Mahin é a mais velha. Tendo vivido no século XIX, a quituteira Mahin ficou conhecida como a líder da Revolta dos Malês⁶. Esse movimento caracterizou-se por ter reunido participantes de vários grupos étnicos. Além disso, Mahin é tida como a mãe do poeta Luiz Gama e um símbolo da mulher negra que participou efetivamente das organizações de revoltas antiescravistas.

Em seguida, temos as escritoras Firmina dos Reis e Carolina de Jesus. Maria Firmina dos Reis é a primeira a publicar sua obra. Tendo vivido no século XIX, Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei. Atualmente, temos conhecimento das seguintes obras da autora: dois romances, *Úrsula* (1859), primeiro romance abolicionista de que se tem conhecimento na literatura brasileira, *Gupeva* (1861); o conto *A escrava* (1887) e um livro de poemas denominado de *Cantos à Beira-Mar* (1871). Carolina Maria de Jesus, assim como Reis, publicou obras literárias. Nascida em 1914, na cidade de Sacramento (MG), Carolina foi uma catadora de papel,

⁶ Em 1930, Pedro Calmon escreve um romance, *Malês – A insurreição das senzalas*, que tem Luiza Mahin como personagem principal (Calmon, 2002).

favelada, que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. Entre os livros dessa escritora, destacam-se *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, publicação póstuma).

Finalizando o quarteto de mulheres negras lembradas pelo sujeito poético, tem-se Lélia Gonzalez, uma importante referência para o Movimento Negro brasileiro. Intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, nascida em Minas Gerais e histórica no movimento feminista brasileiro. Entre a produção escrita de Lélia Gonzalez estão os livros *Lugar de Negro* (1982) e *Festas Populares no Brasil* (1987), premiado na Feira de Frankfurt. Além disso, Gonzalez também produziu muitos artigos e comunicações sobre a mulher negra.

Os três poemas analisados anteriormente assemelham-se no tocante à autoria de escritoras negras brasileiras. Contudo, é importante ressaltar que isso não significa apenas uma mudança na identidade de gênero e étnico-racial da escritora. Mais do que uma mudança das características de quem escreve, há uma alteração de perspectiva. Nesses poemas, a mulher negra figura como sujeito-personagem, em vez de ser apresentada e representada sob os olhares etnocêntricos e eurocêntricos. Isso significa dizer que as mulheres negras deixam, então, de ser objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária, isto é, “o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (Evaristo, 2005, p. 54).

Como se buscasse responder ao questionamento “quem é a mulher negra?”, essas produções literárias constroem imagens de autorrepresentação da mulher negra. Retomando a ideia de que a identidade constitui-se por meio das representações, podemos dizer que esses poemas estabelecem uma identidade, a identidade feminina negra. Em “Passado Histórico”, a mulher negra é apresentada como um sujeito feminino que teve sua história invisibilizada pela historiografia. Em “Vozes- Mulheres”, a mulher negra brasileira é apresentada como descendente de uma linhagem de mulheres negras guerreiras, em que cada qual do seu modo contribuiu para a construção do Brasil, uma conquista de homens e mulheres negras. Por sua vez, em “Ressurgir das cinzas”, o sujeito poético apresenta-se como um sujeito feminino

negro forte e guerreiro, descendente de mulheres negras guerreiras, inteligente e protegido pelos orixás.

Em resumo, essa identidade feminina negra estabelecida por meio dos três poemas citados representa a mulher negra como uma mulher forte, guerreira, inteligente e descendente de mulheres negras brasileiras que desempenharam papéis importantes na história da afrodescendência e para construção do Brasil. As escritoras negras brasileiras são descendentes de mulheres como Luiza Mahin, Lélia Gonzalez, Carolina de Jesus, Firmina dos Reis.

Compreendendo a representação como um processo de significação histórica, socialmente construído e determinado por relações de poder, as escritoras têm buscado reconstruir as representações sociais sobre si, contestando as já existentes e reelaborando suas imagens e os papéis que assumiram/assumem na sociedade. Ao fazer isso, essas mulheres questionam um projeto de uma identidade unitária, principalmente, em relação ao gênero e à identidade étnica, produzindo, então, o que Homi Bhabha denominou de “movimento suplementar de escrita”. Ainda segundo Bhabha:

A estratégia suplementar sugere que o ato de acrescentar não necessariamente equivale a somar, mas pode, sim, alterar o cálculo. [...] O poder da suplementariedade não é a negação das contradições sociais preestabelecidas do passado ou do presente; sua força está [...] na renegociação daqueles tempos, termos e tradições, através dos quais convertemos nossa contemporaneidade incerta e passageira em signos da história (Bhabha, 2007, p. 218).

Assim, com base em Bhabha e corroborando com Souza (2005), interpreto a produção das escritoras negras como um suplemento ao discurso homogenizador da diversidade cultural do país. Uma textualidade que desestabiliza a uniformidade e contribui para compor a diversidade do discurso nacional, pois o discurso das escritoras negras modifica-o, tornando-o mais completo. Desse modo, o discurso literário nacional passa a ser composto por construções literárias de perspectivas diferenciadas.

Convém salientar ainda que, em suas autorrepresentações, as escritoras negras, além de apresentarem e representarem-se como sujeito e a partir de uma subjetividade de mulher negra brasileira, apropriam-se do signo mulher, ressignificando-o sob a ótica afro-feminina

brasileira e discutem/questionam representações de mulheres negras que tematizam o padrão estético da mulher negra brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALMON, Pedro. *Malês: a insurreição das senzalas*. 2.ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Assembléia Legislativa, 2002.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luis. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 111-125.

DE'CARLI, Caetano. A família escrava no sertão pernambucano (1850-1888). 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

_____. Vozes-Mulheres. In: *Cadernos Negros: poesia*. São Paulo: Quilombhoje, 1990, p. 32.

FATIMA, Sônia. Passado Histórico. In: QUILOMBHOJE (org.). *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

FERNANDES, Edson. Família escrava numa boca do sertão. Lençóis, 1860-1888. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa-PR, v. 8, n. 1, p. 9-30, verão 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEREDO, Maria do Carmos Lanna e FONSECA, Maria Nazareth Fonseca (orgs.). *Poéticas Afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.

_____. Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negros na cultura brasileira. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.87-116.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Paris: Gallimard, 1971. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html>>. Acesso em: 25 mar. 2007.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 1, p. 95-124.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *História do Negro no Brasil – O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. Brasília: CNPq/MinC-Fundação Palmares, 2004, p. 262-285.

_____. *Afrografia da memória: O reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza, 1997.

NAVARRO, Márcia Hoppe e SCHMIDT, Rita Terezinha. A questão de gênero: ideologia e exclusão. In: *2º Congresso sobre a Mulher, Gênero e Relações de Trabalho, 2007*. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007, v. 1.

PHILLIPS Anne. Los debates Clásicos. In: PHILLIPS Anne. *Género y teoría democrática*. México: PUEG. 1996.

PALMEIRA, Francineide S. *Vozes femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência*. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

PINTO, Júlia Paula Motta de Souza e JESUS, Adilson Nascimento de. A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental. *Motriz*, Rio Claro, v. 6, n. 2, p. 89-96, 2000.

POLLACK, Michael Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aire: CLACSO, 2005, p. 227-278.

RIBEIRO, Esmeralda. Ressurgir das Cinzas. In: RIBEIRO; Esmeralda; BARBOSA, Marcio (orgs.). *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje, 2004, p. 63.

RIBEIRO, Esmeralda e BARBOSA, Marcio. Apresentação In: RIBEIRO; Esmeralda; BARBOSA, Marcio (orgs.). *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje, 2006, p. 15-18.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WEST, Cornel. The dilemma of the Black Intellectual. In: WEST, Cornel. *The Cornel West: reader*. Nova York: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315 [Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza].